

15-1-66

AS FAVELAS

Rubem Braga

A poucos metros de meu edifício a rua Barão da Torre ficou obstruída por um monte de terra e pedras que rolou em avalanche do morro do Cantagalo. O enorme entulho está sendo removido; é uma questão de tempo. Mas a enxurrada não trouxe apenas esse material; neste e em outros morros os barracos desabados deixaram cá em baixo um outro, e muito especial entulho: gente. Os mortos são enterrados; mas além dos feridos, que enchem os hospitais, há algumas dezenas de milhares de pessoas sem teto, que estão recolhidas a escolas, clubes e outros locais.

Recebidos os primeiros socorros e passada a primeira aflição, essa gente não criará problemas para seus hospedeiros: voltará para as ribanceiras de seus morros, e irá catar entre os escombros pedaços de pau com que armar outra vez os barracos destruídos. Escrevo na primeira manhã sem chuva, a de sexta-feira, e vejo ali no morro, no trecho interditado, onde ainda ontem vi ruir uma casa, aparecer os primeiros dois sujeitos. Um trabalha com a enxada, tirando a lama que invadiu seu barraco, e outro procura reforçar as estacas de uma casinha de barro que adernou. Foi muito a custo, praticamente forçadas pela polícia, que as famílias deixaram esse trecho de morro; a noite, em meio ao temporal, ouvi mais de uma vez o fragor de um desabamento e os gritos de desespero; mas durante o dia, mesmo sob a chuva, homens e mulheres voltavam para buscar seus trastes ou tentar equilibrar um casebre. Alguns deles são construídos com apenas uma quarta ou quinta parte assentada no chão, o resto sobre estacas longas, cujos tamanhos variam de acordo com o declive do barranco; são prodígios de equilíbrio e resistência. Mas todo verão, mesmo sem um aguaceiro tão furioso como este último, há barracos que tombam e gente que morre. Os prédios e as ruas cá de baixo também sofrem; quanto mais habitado um morro, maior é a erosão e mais difícil o problema das inundações cá em baixo, no asfalto. O tempo só faz agravar o problema, com o aumento do número de favelados, que é constante.

As proporções da atual calamidade, que ainda não cessou, obrigam arquitetos, engenheiros, urbanistas e autoridades a repensar com mais urgência o eterno problema das favelas. Elas são, na verdade, uma calamidade pública permanente, crônica, um cancro a roer o corpo e a alma da cidade. Que pelo menos as desgraças de hoje tragam mais decisão para enfrentar essas desgraças de sempre.

24